

## O ESTÍMULO DA FAMÍLIA E A PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM DE UMA EDUCANDA COM SÍNDROME DE DOWN

Xênia da Mota Araújo Lima (1); Ingrid da Mota Araújo Lima (2); Maria José de Lima (3)  
Amanda Micheline A. Lucena (4)

(1) THE GRENDAL COLLEGE AND UNIVERSITY – UNIGRENDAL [xeniamota32@gmail.com](mailto:xeniamota32@gmail.com)

(2) THE GRENDAL COLLEGE AND UNIVERSITY – UNIGRENDAL [ingridmota40@gmail.com](mailto:ingridmota40@gmail.com)

(3) THE GRENDAL COLLEGE AND UNIVERSITY – UNIGRENDAL [m.j.lima\\_@hotmail.com](mailto:m.j.lima_@hotmail.com)

(4) THE GRENDAL COLLEGE AND UNIVERSITY – UNIGRENDAL [amandamicheline@hotmail.com](mailto:amandamicheline@hotmail.com)

**Resumo:** Aspectos psicoafetivos são de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem e através do estímulo adequado, respeitando as limitações e tempo de aprendizagem, pode-se obter resultados positivos no processo de aprendizagem de qualquer educando, independente de suas dificuldades. Neste sentido a pesquisa foi instigada a partir da problemática: quais são os métodos aplicados pelos pais de uma aluna com Síndrome de Down para desenvolver sua aprendizagem? Na busca por conhecer essas metodologias e como ocorre o processo de aprendizagem dessa educanda, objetivou-se descrever como a família pode atuar para facilitar o processo de aprendizagem da pessoa com síndrome de Down e para isso foi necessário descrever as metodologias empregadas pela família e como a pessoa com Down pode ser estimulada a aprender os conteúdos curriculares. Trata-se de um estudo de caso focado em uma educanda com Síndrome de Down. Para conhecer a realidade, o cotidiano, quais são os estímulos oferecidos e como ocorre o processo de aprendizagem dessa educanda, os seus pais foram entrevistados e os relatos são abordados de forma qualitativa. Verificou-se que dentre as metodologias adotadas, os pais relataram que sempre estimulavam a educanda a responder vários exercícios de matemática, faziam dramatizações com contextos históricos e sempre que tinham a oportunidade discutiam assuntos acadêmicos trazendo para a prática do dia-a-dia. Isso denota que os pais sempre acreditaram na potencialidade de sua filha com Down e por isso a estimularam através de diversas metodologias a desenvolver suas habilidades, superar suas limitações e obter autonomia e uma aprendizagem significativa.

**Palavras-chave:** Metodologias de ensino, Potencialidades, Superação.

### 1. INTRODUÇÃO

Quando analisamos o contexto educacional do cotidiano brasileiro, podemos observar algumas mudanças significativas se fizermos uma comparação de vinte anos atrás para o agora. Entretanto, ainda temos um abismo enorme e uma realidade alarmante se compararmos a realidade educacional com o que preconiza as leis que regem a educação nacional, como a LDB (BRASIL, 1996).

A educação inclusiva deve ser vista como uma forma pedagógica de trabalhar a diversidade, o respeito pela diferença e pelas necessidades individuais. No processo inclusivo

deve-se estimular a valorização de cada um e que as práticas pedagógicas possam favorecer a aprendizagem e desenvolvimento das habilidades considerando que somos todos iguais nas diferenças. Sobre a inclusão no ato de educar Mitler (2003, p.20) afirma que:

A inclusão depende do trabalho cotidiano dos professores na sala de aula e do seu sucesso em garantir que todas as crianças possam participar de cada aula e da vida da escola como um todo. Os professores, por sua vez, necessitam trabalhar em escolas que sejam planejadas e administradas de acordo com linhas inclusivas e que sejam apoiadas pelos governantes, pela comunidade local, pelas autoridades educacionais locais e acima de tudo pelos pais.

Concordando com o autor, afirmamos que incluir não se restringe apenas a sala de aula, mas é algo que *a priori* deveria vir de casa, o aluno tem que ser aceito primeiramente em sua casa, onde essa pessoa deve ter o apoio e o respeito de suas particularidades, para então a escola o acolher e fazer daquele ambiente algo atrativo e que não gere discriminações e preconceito.

Está descrito no Estatuto da pessoa com deficiência (BRASIL, 2015) que a pessoa com deficiência é aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que podem obstruir a sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. O Estatuto amplia direitos para mais de 45 milhões de brasileiros nas mais diversas áreas e inclui as pessoas com Síndrome de Down.

A Síndrome de Down foi descrita clinicamente pela primeira vez pelo médico inglês John Langdon Down, em 1866 e, desde então, é estudada por diversos pesquisadores. (MENEGUETTI 2009). Essa síndrome é causada por alterações cromossômicas envolvendo o par do cromossomo 21, que se apresenta em trissomia, levando a alterações físicas e mentais, resultando em hipotonia muscular, frouxidão ligamentar, hiper mobilidade articular, obesidade e problemas sensoriais. (PEREIRA e TUDELLA, 2009).

Apesar do avanço da ciência no sentido de compreender os mistérios que permeiam a Síndrome de Down ainda existem muitos entraves e questões que devem ser discutidas a respeito das pessoas com essa síndrome. O que nos mobiliza a pesquisar sobre essa temática é a descoberta de novas abordagens educacionais para pessoas com Síndrome de Down e partiu-se da problemática: Como a família em parceria com a escola poderá promover da aprendizagem de uma educanda com síndrome de down? Neste contexto as hipóteses formuladas são: A família pode contribuir com o desenvolvimento de uma pessoa com síndrome de down aplicando atividades lúdicas que transformem os conceitos/conteúdos em algo que a pessoa com down possa compreender e aprender. Com bases nessas afirmações

esta pesquisa se justifica pelo fato de apontar como a contribuição da família e da escola poderá promover o desenvolvimento de uma pessoa com Síndrome de Down.

Com o referido trabalho objetivou-se descrever como a família pode atuar para facilitar o processo de aprendizagem da pessoa com síndrome de Down e para isso foi necessário conhecer as metodologias empregadas pela família e como à pessoa com Down pode ser estimulada a aprender os conteúdos curriculares. E neste contexto, ao longo do trabalho será apresentado aspectos relevantes do cotidiano da educanda que estão diretamente relacionados as metodologias de ensino direcionados a promoção da aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades de uma aluna com síndromes de Down.

## 2. METODOLOGIA

**2.1 Tipo de Pesquisa** – Trata-se de uma pesquisa básica de caráter descritivo e abordagem qualitativa, visto que analisa o relato da contribuição da família e da escola para o desenvolvimento da pessoa com Síndrome de Down. A pesquisa qualitativa estimula a imersão do pesquisador nas particularidades e no contexto da pesquisa e faz vir à tona aspectos individuais, como o pensamento, atitudes, sentidos, emoções e motivações dos sujeitos da pesquisa.

**2.2 Instrumento da pesquisa** – Optou-se pelo questionário para coletar os dados referentes ao apoio da família no processo de contribuição do desenvolvimento da pessoa com Down. O questionário foi aplicado aos pais (pai e mãe) da educanda e formulado com 13 questões subjetivas. Esses tipos de perguntas são abertas, pois permitem respostas distintas dos pesquisados, ou seja, cada pesquisado pode responder espontaneamente a essas averiguações. Esse recurso normalmente é utilizado para obter opiniões, sentimentos, crenças e atitudes por parte do pesquisado, ele pode responder livremente, usando linguagem própria.

**2.3 Caracterização do estudo de caso** – Por ser um estudo de caso, o foco foi uma educanda, adolescente de 18 anos com síndrome de down. O propósito de um estudo de caso é reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre um fenômeno (PATTON, 2002). É um procedimento metodológico que enfatiza entendimentos contextuais, sem esquecer-se da representatividade (LLEWELLYN; NORTHCOTT, 2007), centrando-se na compreensão da dinâmica do contexto real (EISENHARDT, 1989) e envolvendo-se num estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento (Gil, 2007).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir desta seção abordamos o ponto de vista dos pais da educanda com down sobre o processo de inclusão, as expectativas com relação ao ensino e aprendizagem da pessoa, dificuldades para matricular a educanda em escolas regulares (Quadro 1).

**Quadro 1 - Declaração dos pais da educanda a respeito do processo de inclusão e dificuldades para matricular essa aluna em escolas regulares. Belo Jardim-PE, 2018.**

<b>Para você o que é inclusão?</b>	<b>A escola atende suas expectativas quanto a eficiência na inclusão de sua filha?</b>
<i>Pai: o conceito de inclusão vai além do simples fato de incluir, para estar incluso a criança tem que se sentir aceita, receber tratamento igual a todos, sendo respeitada nas suas limitações.</i>	<i>Pai: Tivemos sorte em encontrar uma escola que abraçou nossa causa,... Sempre nos possibilitando um espaço para o diálogo, para a colaboração, para as sugestões...</i>
<i>Mãe: Incluir é tratar o ser humano com igualdade de direitos, dando-lhe deveres que estejam dentro das suas condições físicas e mentais. Tratando-o com respeito, sem distinção, sem separá-lo ou tratá-lo como “coitadinho” por apresentar alguma diferença ou necessidade.</i>	<i>Mãe: As expectativas com relação a nossa filha sempre existiram principalmente com relação ao seu desenvolvimento, para colaborar com a sua aprendizagem não esperamos só pela instituição escolar, ela sempre teve apoio de terapia ocupacional, psicopedagogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e aulas particulares em casa.</i>
<b>Alguma vez, os pais sentiram dificuldades para matricular/incluir sua filha na escola regular? Justifique.</b>	<b>Como pais vocês sempre tiveram acesso à escola para interagir, incentivar e ajudar no processo ensino aprendizagem? Como acontecia essa interação?</b>
<i>Pai: A dificuldade foi encontrar uma escola que atendesse as necessidades dela, que a aceitasse sem fazer distinção sem preconceito, que se preocupasse com a qualidade da aprendizagem e não com a quantidade de alunos, e que empregasse uma metodologia didático-pedagógica que facilitasse a compreensão dos conteúdos. Então optamos por uma escola da rede privada de ensino.</i>	<i>Pai: Sim, sempre pesquisamos muito sobre a síndrome. A gestão escolar e a coordenação pedagógica sempre foi receptiva nas informações e sempre buscava ajudar e auxiliar. Mantínhamos uma relação de amizade com os professores e sempre dávamos aulas em casa para reforçar a aprendizagem.</i>



*Mãe: Quando nossa filha estava em idade escolar, fizemos uma peregrinação pelas escolas, onde encontramos alguma resistência ou alguma dificuldade na aceitação da criança com Síndrome de Down, vimos que essas instituições não estavam prontas para incluir e ajudar nossa filha a se desenvolver, até acharmos a escola onde ela estudou desde a educação infantil até finalizar o ensino médio. A instituição é da rede privada.*

*Mãe: Sempre interagimos com os professores, coordenadores pedagógicos e a gestão escolar. Principalmente com o intuito de ajudar, de levar ideias novas e de auxiliá-los. Ela sempre fez acompanhamento com fonoaudiólogo para auxiliar na fala, fisioterapeuta e psicopedagogo para ajudá-la quanto a aprendizagem.*

Fonte: Dados da pesquisa

A atitude de um sujeito com síndrome de Down pode variar de acordo com o seu potencial genético e as características culturais do meio em que convive, por isso acreditamos que quando a família participa ativamente da educação dessas crianças elas acabam se desenvolvendo mais e melhor. Com base em Werneck (1995), as pessoas com Síndrome de Down costumam ter acentuada inteligência emocional, por isso muitas das vezes se mostram amáveis e carinhosos. Educar não se restringe em transferir informações ou apontar apenas um caminho, mas ajudar a criança/adolescente a superar suas dificuldades.

Podemos observar na fala do pai e da mãe da adolescente com Down que a inclusão é muito mais do que ser aceito num ambiente, incluir é ser respeitado nas suas limitações, ser tratado sem distinção, sem separação, ser tratado como igual, como um ser humano que tem apenas algumas limitações, mas também tem direitos e deveres.

Tanto o pai quanto a mãe relatam que algumas instituições não estavam prontas nem dispostas a receber uma criança com Síndrome de Down, e complementam que encontraram uma escola privada que acolheu a filha deles, e esta escola dava oportunidade dos pais falarem, exporem suas angústias, inquietações e sugestões.

Notamos na fala do pai e da mãe que sempre buscaram uma instituição privada de ensino, e apesar das instituições particulares estarem melhor aparelhadas e com uma estrutura física mais adequadas a inclusão, ainda encontraram resistência por parte de algumas instituições, optando por uma escola onde a equipe gestora abraçou a causa da inclusão com um olhar mais humano, sem fazer distinção as limitações que a pessoa com deficiência possui.

A inclusão das pessoas com deficiência prossegue como luta para a educação brasileira mesmo após a criação da política de educação especial e da evolução da legislação no que cita à inclusão de pessoas com deficiência. Mattos reflete que:

Novos paradigmas surgem, tendo em vista a inclusão escolar. Assim, escola necessita trabalhar as diferenças, para que enriqueçam o aprendizado de todos, deficientes ou não. A diferença é normal, é identidade de cada ser humano. A diferença é produzida diariamente. A diferença é o estereótipo, o arquétipo atual (MATTOS, 2008, p. 51)

Percebemos no relato dos pais da jovem que a mesma sempre contou com o apoio da família e de profissionais capacitados, eles não esperavam apenas pela instituição escolar e a instituição escolar não esperava só pela família, cada qual fazia sua parte, dessa forma sempre existiu a parceria e o respeito as particularidades da educanda no processo de ensino aprendizagem.

Quanto a efetividade da aprendizagem da pessoa com Down, os estímulos fornecidos, o tempo médio para estimular e a rotina de estudos da educanda no seu cotidiano, os pais apresentaram e explanaram com detalhes os quais são apresentados no Quadro 2.

**Quadro 2 – Resposta dos pais a respeito da efetividade do aprendizado da pessoa com Down, dos estímulos fornecidos, o tempo médio para estimular e a rotina de estudos da educanda com Down. Belo Jardim-PE, 2018.**

<b>Como você avaliava a efetividade do aprendizado) de sua filha quanto as atividades escolares?</b>	<b>Quanto tempo em média você(s) dedicam para estimular o desenvolvimento de sua filha?</b>
<i>Pai: Conforme as situações vividas no ambiente escolar íamos reforçando a aprendizagem em casa, para que efetivamente ela se desenvolvesse e aprendesse. As experiências concretas no ambiente escolar, no lar e na sociedade proporcionam avanços significativos, mas tudo com muita paciência e respeitando o tempo de aprendizagem dela...</i>	<i>Pai: Quando eu percebi que ela precisava de maiores estímulos, eu reformei a dispensa da casa e criei “A escolinha do papai”. Coloquei tudo o que uma sala de aula tem: Quadro, carteira e o birô, a noite quando eu chegava do trabalho, comecei dando aulas a ela, iniciamos com meia hora, depois mais uma hora, passamos para duas horas e acredito que teve dias que excedeu as duas horas.</i>
<i>Mãe: Sempre respeitamos o tempo dela, cada criança é única cada qual aprende no seu tempo. A escola fazia a sua parte, nós fazíamos a nossa, e os profissionais especializados faziam a parte deles.</i>	<i>Mãe: Ela sempre foi muito estimulada, lembro que quando era bebê fazia cerca de 4 horas de fisioterapia, chegava a dormir e continuávamos com os estímulos exaustivos, fez também muitos exercícios com a fonoaudióloga, para conseguir controlar a língua, se alimentar melhor e posteriormente falar.</i>

<p><b>A partir de que idade a família começou a estimular o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Relate como ocorreu.</b></p>	<p><b>Muitas crianças com síndrome de Down se dão bem com rotina, estrutura e atividades focalizadas claramente. Sua filha sempre teve rotina? Descreva como é a rotina dela.</b></p>
<p><i>Pai: Fizemos muitas pesquisas em algumas delas descobrimos que o máximo de estímulos nos dois primeiros anos de vida são importantes para o desenvolvimento físico, mental e intelectual posteriormente.</i></p>	<p><i>Pai: Sim, sempre tivemos rotina, até porque ela é a segunda filha, com nosso filho nós já seguíamos um roteiro, quando ela chegou tivemos a rotina intensificada, porque além das obrigações que temos com qualquer bebê, ela teria o horário da fisioterapia, dos exercícios com a fonoaudióloga.</i></p>
<p><i>Mãe: O trabalho com o fonoaudiólogo começou desde o nascimento, uma vez que esse procedimento garantiu, a longo prazo, condições para que a criança se comunicasse com mais facilidade, facilitando o processo de ensino e aprendizagem.</i></p>	<p><i>Mãe: Para nós foi um choque quando descobrimos que receberíamos uma criança com necessidades diferenciadas, entretanto procuramos manter a mesma rotina que mantínhamos com nosso filho que não tem necessidades especiais de aprendizagem.</i></p>

Fonte: Dados da pesquisa

Podemos perceber os pais realmente fazem a sua parte ajudando no processo de ensino e aprendizagem e o pai deixa bem claro que as experiências concretas proporcionam avanços significativos, que é preciso ter muita paciência e valorizar cada avanço por menor que seja, para que aja a superação das suas limitações e dificuldades, nesta ótica, a mãe esclarece que é preciso respeitar o tempo de cada um, e que a escola, a família e os profissionais especializados todos trabalhando em conjunto e focados conseguem alcançar o objetivo que é o pleno desenvolvimento da criança, respeitando suas limitações, vencendo as barreiras do preconceito e enaltecendo suas habilidades. Corroborando com essas ações, Mantoan apud Moreno e Fajardo (2013) “o mais importante para uma criança com deficiência não é aprender o mesmo conteúdo que as outras, mas ter a possibilidade de aprender a colaborar, ter autonomia, governar a si próprio, ter livre expressão de ideias e ver o esforço pelo que consegue criar, ser recompensado e reconhecido”.

A família tem um papel essencial no desenvolvimento do filho com a Síndrome de Down e a sua inclusão na sociedade, pois tem a possibilidade de oferecer a essa criança atividades estimuladoras junto com a afetividade que resultará em resultados consideráveis. Conalço, (2000) afirma que as primeiras situações de aprendizagem e introjeção de padrões, normas e valores, são obtidos no seio familiar e se a família não estiver funcionando adequadamente, as interações serão prejudicadas.

A pessoa com síndrome de Down é capaz de ter um desenvolvimento satisfatório e superar muitas limitações através de estímulos. Muitas são as pessoas com Down que tem autonomia para tomar atividades corriqueiras, tomam iniciativas, não precisando que os pais digam a todo o momento o que eles devem fazer ou não, isso demonstra a necessidade/possibilidade desses indivíduos de participar e interferir com certa autonomia em um mundo onde exista outras pessoas que não possuem deficiências.

Com relação ao ponto de vista dos pais a respeito do preconceito no ambiente escolar, a família como facilitadora do processo de aprendizagem, as mudanças que almejam no ambiente escolar e quais as estratégias empregadas para facilitar e estimular a aprendizagem.

**Quadro 3 - Pontos de vista dos pais a respeito do preconceito no ambiente escolar, a família como facilitadora do processo de aprendizagem, quais mudanças eles almejam no ambiente escolar e quais as estratégias empregadas para facilitar e estimular a aprendizagem. Belo Jardim-PE, 2018.**

<p><b>Sua filha sempre foi respeitada no ambiente escolar? Se já passou por alguma situação de preconceito, relate como e quando isso aconteceu ou acontece?</b></p>	<p><b>Em sua concepção, como a família pode facilitar o processo de aprendizagem da pessoa com síndrome de Down?</b></p>
<p><i>Pai: Quando ela era pequena sempre foi aceita pelos colegas da sala, quando tinha trabalho para ser feito em grupo, todos queriam que ela participasse, e como participávamos ajudando-a nas atividades escolares as crianças escolhiam fazer o trabalho na nossa casa.</i></p>	<p><i>Pai: A família melhor do que ninguém conhece seu filho na intimidade, nossa filha aprende muito quando algo lhe chama a atenção, ensinávamos os conteúdos de história por meio de dramatizações.</i></p>
<p><i>Mãe: Sempre foi aceita por todos na escola, fazíamos uma verdadeira festa nos momentos que os coleguinhas de sala iam fazer atividades escolares na nossa casa, eu fazia bolo de chocolate com cobertura, cachorro quente, pipoca, a atividade escolar era um momento de lazer e de confraternização, ela era disputada pelos coleguinhas. Como a adolescência é uma fase de transição, alguns coleguinhas passaram a excluí-la.</i></p>	<p><i>Mãe: Toda família deve observar detalhadamente seu filho, independentemente de ser especial (com alguma deficiência ou limitação), cada filho é especial no seu jeito de ser, deve-se criar uma rotina, um cronograma com atividades que eles devem seguir, limitar o tempo para todas as atividades, sejam elas de lazer ou estudo. Iniciar precocemente os estímulos, pedir ajuda aos profissionais capacitados.</i></p>
<p><b>Como pais, que mudanças vocês almejam no campo educacional (escolas e instituições de ensino) e social para que a equidade realmente prevaleça?</b></p>	<p><b>Descreva as estratégias que vocês já utilizaram para estimular a aprendizagem de sua filha e qual estratégia tem maior eficácia na aprendizagem dela?</b></p>



<p><i>Pai: Que as instituições escolares possuam profissionais capacitados e dispostos a lidar com as diferenças, sejam elas físicas, mentais, cognitivas...Que os nossos governantes invistam mais na educação, porque ela é a chave para mudanças.</i></p>	<p><i>Pai: Em matemática para resolução de problemas matemáticos e operações usamos sempre exercícios repetitivos, como os que são utilizados na metodologia do KUMON, e usando sempre material concreto, para facilitar operações de adição, subtração, multiplicação e divisão.</i></p>
<p><i>Mãe: Almejamos uma educação de qualidade para crianças com deficiência, esse é um mecanismo para garantir sua liberdade de viver uma vida autônoma, para ser visto por outras pessoas como iguais e para verem a eles próprios como cidadãos e indivíduos totalmente capazes.</i></p>	<p><i>Mãe: para a disciplina de português sempre tivemos a ajuda da fonoaudióloga, em geografia para trabalhar conteúdos como relevo, vegetação, sempre usamos imagens, vídeos, em conteúdo de história fazíamos dramatizações.</i></p>

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar de a inclusão de crianças e jovens com algum tipo de deficiência nas escolas regulares ter aumentado significativamente nos últimos anos, são grandes os desafios de preparar os professores para mantê-las na sala de aula com os demais colegas, e de receber as crianças que ainda estão excluídas. Notamos na fala do pai e da mãe que quando criança, sua filha não sofria preconceito, mas quando foi ficando adolescente passou a sofrer mais.

O desenvolvimento, ampliação e especialização das possibilidades psicomotoras da criança Down faz com que o mesmo realize atividades didáticas de forma simples e assim se inicia o processo de aprendizagem, onde a criança não só está criando, formando conceitos e categorias conceituais para perceber a realidade e ordenar o mundo que a rodeia.

O pai e a mãe sempre estimularam a filha, nas situações mais comuns e corriqueiras do dia a dia eles estavam lá, incentivando, orientando, perguntando, inferindo, questionando, diante disso comprovamos que a adolescente consegue aprender sendo estimulada constantemente com afetividade, carinho, empenho, dedicação e principalmente o amor, pois esses fatores contribuíram para que essa adolescente se desenvolvesse bem.

Percebe-se que os pais buscaram alternativas para que sua filha se desenvolvesse, eles são muito atentos e informados, pesquisam, questionam e acima de tudo se dedicaram para ajudar a sua filha a desenvolver-se, a conseguir fixar os conteúdos e habilidades. Buscaram descobrir o que facilitava sua aprendizagem e assim colaboraram positivamente.

A autonomia e a auto-estima da educanda também foram aspectos questionados aos pais e suas respectivas respostas são apresentadas no Gráfico 4.

Quadro 4 – Resposta dos pais a respeito da auto estima e autonomia da educanda. Belo Jardim-PE, 2018.

**Quanto a autoestima, superação e autonomia vocês estimulam esses aspectos em sua filha? Justifique**

*Pai: Ela sempre foi estimulada desde os primeiros dias de vida, sempre elogiamos suas conquistas por menores que fossem, ajudamos ela a superar suas dificuldades, sempre tratamos ela igual ao irmão, nunca a menosprezamos, nunca deixamos que ela se abatesse perante o preconceito alheio ou a falta de sensibilidade das outras pessoas.*

*Mãe: Sempre acreditamos no potencial dela, sempre estimulamos muito até chegar numa metodologia que ela aprendesse, sempre estimulando seus esforços e suas conquistas, sempre acreditamos que ela poderia vencer suas limitações. Hoje ela está na faculdade, conseguimos contribuir de forma efetiva para que ela chegasse até aqui.*

Fonte: Dados da pesquisa

Notamos que esse estudo de caso relata uma história de sucesso, essa jovem com Síndrome de Down conseguiu passar por todas as etapas até ingressar na vida acadêmica, seus pais foram os maiores colaboradores provando que quando a família se dedica, se empenha e ajuda a escola numa parceria para fixação da aprendizagem o êxito é garantido. Estimular a pessoa com Down para superar suas limitações, fortalecer sua autoestima, e proporcionar autonomia faz qualquer ser humano ser capaz de qualquer coisa, desde o nascimento estimular através de brincadeiras e atividades que permitam estímulos visuais, táteis e auditivos. Também deve ser regado de elogios mostrando sempre que ele é amado e capaz.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir do relato dos pais da educanda com Síndrome de Down, pode-se inferir que a família tem um importante papel no desenvolvimento acadêmico de uma educanda, pois se constatou que desde que a educanda era criança, seus pais procuravam a estimular. Estes estímulos eram de ordem física, motora e formação social.

O estímulo da família facilitou o processo de aprendizagem onde a educanda conseguiu superar suas limitações e aprender. Outro fator de relevância para o desenvolvimento da educanda foi o apoio dos profissionais especializados como: fonoaudiólogos, fisioterapeutas e psicopedagogos.

A escola poderia adotar uma ciência que ensina os vários modelos de aprendizagem, pois sabe-se que o caminho da aprendizagem apresenta várias alternativas e neste sentido os

pais da educanda sempre aplicaram diferentes métodos para que a educanda construísse os conhecimentos. Dentre as metodologias adotadas, os pais relataram que estimulavam a educanda a responder vários exercícios de matemática, faziam dramatizações com contextos históricos e sempre que tinham a oportunidade discutiam assuntos acadêmicos trazendo para a prática do dia-a-dia. Isso denota que os pais sempre acreditaram na potencialidade de sua filha com Down e por isso a estimularam através de diversas metodologias a desenvolver suas habilidades, superar suas limitações e obter uma aprendizagem significativa.

Técnicas conhecidas nas escolas como métodos que usam a ludopedagogia eram aplicadas no cotidiano familiar pelos pais para promover uma melhor aprendizagem sendo um processo que exige colaboração, porque é um recurso que sugere dúvidas, acertos, erros, avanços, descobertas. Quando o conhecimento aparece para o aluno com significação ele vai aprender efetivamente, seja no grupo da escola, da família ou individualmente.

Quando a educando esteve na escola pública, os professores duvidariam de sua capacidade e tão pouco permitiriam que seu desenvolvimento acontecesse da forma como aconteceu, graças a escola privada, onde eles sempre exigiram as melhores e mais eficazes práticas de ensino, enquanto criança e na fase da juventude. Os pais jamais permitiram que a sua filha ficasse isolada num canto da sala de aula, fazendo exercícios “adaptados” como se não tivesse a capacidade de acompanhar os conteúdos curriculares.

Através desse estudo de caso é possível concluir que a aprendizagem é imprevisível, e como tal não cabem rotulações e categorizações para distinguir um aluno do outro, os pais e a escola devem sempre travar um combate contra o preconceito.

É necessário enxergar a criança com síndrome de Down como um ser em constante mudança e que precisa de liberdade e estímulo para aprender e para produzir conhecimento, pois inteligência é um sistema aberto que não exige um único método para que o educando alcance o conhecimento ou crie e mude sua realidade. Certamente a parceria da família e com a escola assume um importante papel na promoção ao estímulo adequado para aprendizagem significativa do educando com síndrome de Down.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Brasília-DF, 2015, 104p.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) >. Acesso em: 25 Jul. 2018.

- CONOLGADO, B. **Nova Escola, Velhos Alunos.** Revista GVExecutivo, 8, 2000
- EISENHARDT, KATHLEEN. **Building theories from case study research.** Academy Management Review 1989, v, 14, n. 4
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LLEWELLYN, S.; NORTHCOTT, D. **The “singular view” in management case studies qualitative research in organizations and management.** An International Journal, v. 2, n. 3, 2007, p. 194-207
- MATTOS, P. **No mundo da lua: perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Lemos Editorial, 2008.
- MENEGHETTI, C. H. Z. et al. **Avaliação do equilíbrio estático de crianças e adolescentes com Síndrome de Down.** Revista Brasileira de Fisioterapia, São Carlos, v. 13, n. 3, p. 230-235, maio./jun. 2009
- MITLER, P. **Educação Inclusiva – Contextos Sociais. Porto Alegre, Artmed, 2003., V. Globalização. O que é isso, afinal?** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- MORENO, C. A, FAJARDO, A. C. M. e V. **Inclusão de alunos com deficiência intelectual cresce e desafia escolas.** Disponível em: . Acesso em: Acesso em: Acesso em: 24 Jul. 2018.
- PATTON, M. G. **Qualitative Research and Evaluation Methods,** 3 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.
- PEREIRA, K.; TUDELLA, E. **Fisioterapia: orientação para a estimulação sensório motora de crianças com Síndrome de Down.** In:
- WERNECK, C.. (1993) **Muito prazer, eu existo: um livro sobre as pessoas portadoras de Síndrome de Down.** 4ed. Rio de Janeiro: WVA.